

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
Unidade Porto Alegre
Especialização em Leitura Literária

STÉPHANI SCHMIDT

CURRÍCULO LITERÁRIO
CONEXÃO ESTUDANTE E LITERATURA

PORTO ALEGRE

2023

STÉPHANI SCHMIDT

CURRÍCULO LITERÁRIO
CONEXÃO ESTUDANTE E LITERATURA

Projeto para proposta de Currículo Literário apresentado ao curso Especialização em Leitura Literária na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a integralização do curso.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Helena Venites Sardagna.

Porto Alegre

2023

1 INTRODUÇÃO

Nunca antes foi tão necessária a implementação de um currículo literário, visto que a era em que vivemos é a da tecnologia. Vivemos numa época em que os livros são muitos, o que nos traz muitas dúvidas sobre o que devemos ler, além de certo receio por parte das crianças ao se depararem em um mundo literário tão vasto, fazendo-as pensar, por onde começar. O currículo, segundo Goodson (2014), fornece um prisma, um texto decisivo através do qual vemos e testamos a saúde e o caráter da sociedade.

Essa problemática da falta de um currículo literário, venho observando em minha trajetória como pedagoga e alfabetizadora. Atuei nas turmas de 1º a 5º ano e sinto a necessidade de um currículo literário que formalize e nos oriente para que sejamos capazes de promover a literatura com os estudantes da melhor forma possível. Nele trago a importância da literatura na primeira infância, criando uma trajetória mais leve, iniciando o contato da criança com a literatura antes mesmo da alfabetização.

Outro problema é que a literatura tem perdido espaço para outras formas de expressão, como, as redes sociais, que são fonte de informações rápidas e geralmente sem conteúdo. Isso implica na concentração das crianças na hora da leitura. Uma criança que fica horas seguidas no celular poderá ter dificuldade para se concentrar durante muito tempo em leituras mais complexas, que estimulam o seu senso crítico. Segundo L'Ecuyer:

A neurociência nos diz que, quando realizamos várias tarefas ao mesmo tempo, não focamos em todas elas de forma paralela, e sim oscilamos rapidamente entre uma e outra. Essa é a principal razão pela qual está proibido o uso do celular enquanto dirigimos, por exemplo. Também explica por que alguns estudos demonstraram que a televisão ligada de maneira contínua em uma sala pode interromper a brincadeira das crianças que se encontram ali entretidas com seus brinquedos ou influenciar negativamente na qualidade da interação dos pais com seus filhos. (L'ECUYER, 2015, p 120)

O livro por muitos anos foi somente físico, porém, com o surgimento de novas tecnologias que estão em constante transformação, tivemos que nos habituar a novas maneiras de vivenciarmos a literatura, sendo ela adaptada para filmes ou séries. Devemos utilizar a tecnologia a nosso favor quando falamos de literatura, pois os tempos em que vivemos são outros e não podemos permitir que a literatura seja coisa

do passado, ela nunca esteve tão presente, mas precisa ser reorganizada. De acordo com a BNCC:

Depois de ler um livro de literatura ou assistir a um filme, pode-se postar comentários em redes sociais específicas, seguir diretores, autores, escritores, acompanhar de perto seu trabalho; podemos produzir playlists, vlogs, vídeos-minuto, escrever fanfics, produzir e-zines, nos tornar um booktuber, dentre outras muitas possibilidades. (BRASIL. BNCC, 2018, p. 68)

Com base em pesquisas sobre as necessidades no campo da literatura que abrange estudantes do 5º ano, desenvolvemos uma investigação, seguida de uma proposta de currículo literário. Priorizamos o 5º ano, pois esse é o último ano em que fazem parte dos anos iniciais do ensino fundamental, após, no 6º ano, o modelo de ensino será outro, mais complexo, por disciplinas, com vários professores. A trajetória da educação infantil até o 5º ano deve estar imersa ao meio literário, claro que de diferentes formas, permitindo o contato próximo entre aluno e livros, livros estes variados para que consigam identificar seus gostos literários.

Um levantamento de opiniões foi realizado com estudantes do 5º ano através de formulário de perguntas e respostas às quais questionavam sobre hábitos e preferências de leitura. O resultado não foi o esperado, visto que 36,4% dos 55 estudantes entrevistados não possuem o hábito de ler.

O currículo literário, realizado a partir desta pesquisa, prioriza a qualidade literária e não quantidade, buscando criar memórias afetivas através de aulas lúdicas, de trocas em momentos de pré-leitura, leitura e pós-leitura, em que a literatura esteja presente. Estes momentos permitem a familiarização dos estudantes e identificam abordagens que permitam maior aproximação deles com a literatura, alinhadas aos processos de ensino e de aprendizagem. Segundo a BNCC:

A literatura nos coloca em contato com aqueles que vieram antes de nós. Ela nos permite criar laços com os que estão ao nosso redor. É nutrição, socialização, e sobretudo, humanização. Quando bem trabalhada no espaço escolar, revela-se um verdadeiro tesouro na preparação de nossas crianças para a vida (BRASIL. BNCC, 2018, p. 50).

O objetivo deste artigo é apresentar a discussão gerada pelo estudo que se propôs a conhecer as preferências de leitura dos estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental e propor um currículo literário que contemple suas necessidades literárias básicas e os instigue para a prática de leitura literária. Permearam o estudo questionamentos como: que tipos de livros devemos oferecer aos estudantes? Que

abordagens devem ser realizadas a partir da leitura? Como incentivar a leitura literária?

Como objetivos específicos, o estudo elencou:

- Fomentar o contato da criança com livros literários desde a infância.
- Dialogar sobre quais são as obras mais importantes a serem apresentadas.
- Analisar em quais anos do ensino fundamental as respectivas obras podem ser apresentadas para serem melhor exploradas.
- Identificar abordagens significativas para potencializar a aprendizagem dos estudantes, no processo da pré-leitura, leitura e pós-leitura.

Considera-se que não devemos obrigar o estudante a ler, mas sim convencê-lo, fazê-lo sentir prazer em ler, fruir, para que o estudante identifique seus gostos literários nessa trajetória, por meio da leitura. Para isso, é essencial promover um currículo literário a partir da seleção de obras literárias relevantes que inspirem os estudantes a prática de leitura literária.

2 A ARTE DE LITERAR NA ESCOLA

A literatura é a arte expressa pela escrita, que atravessou o tempo e civilizações, sendo apresentada de acordo com as formas de expressão de cada época. A literatura é ampla e repleta de significados, além da escrita, está presente em cantigas e na música, como na cultura indígena. A literatura, portanto, designa textos verbais ou não verbais, que fogem ao senso comum e ao óbvio, fomentando o prazer estético por sua forma, conteúdo e organização do conjunto. De acordo com Lajolo, “não existe uma resposta correta, porque cada tempo, cada grupo social tem sua resposta, sua definição para literatura” (LAJOLO, 1982, p.25).

A literatura infantil e juvenil, no seu percurso histórico, conforme Colomer (2003, p.59) se “define em função do seu destinatário e responde aos propósitos sociais, que lhe foram atribuídos em cada momento histórico”. Dessa forma, o processo de mudança precisa ser delimitado e a escolha de livros de literatura que possibilitem esta mudança deve ser feita.

A identidade cultural de um povo pode ser percebida através da literatura. Ela possibilita a imersão em um tempo distante ou em outro mundo, outra forma de pensar. Isso promove a integração entre as diferentes formas de pensar, pois o respeito só existe onde há conhecimento, e nada melhor que a literatura para entendermos melhor o mundo. Ela tem se mostrado cada vez mais necessária, porém seu espaço está cada vez mais diminuído no ambiente escolar. Segundo Candido:

[...] Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente da nossa vontade. É durante a vigília a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito, como anedota, causo, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. (CANDIDO, 2011, p.3)

A literatura infantil se afirmou no século XVIII, quando se construiu a noção de infância e de um certo modelo de família burguesa, marcada pela privacidade e pelo desenvolvimento de laços afetivos entre seus membros, fossem cônjuges, fossem pais e filhos. Foi esse o período em que, na Europa Ocidental, começou a se instalar a instituição escola, a ideia de ensino obrigatório e, em decorrência, a necessidade de livros e materiais destinados a educar (ZILBERMAN E MAGALHÃES, 1987).

O hábito da leitura literária é observado em uma pequena parte da população brasileira, muitos sequer sabem diferenciar uma obra literária de um livro didático. Esse hábito é adquirido desde a primeira infância, através da apresentação dos livros, antes mesmo da alfabetização, podendo ser por meio de manuseio dos mesmos, fazendo a leitura de ilustrações, contações de histórias, roda de conversa, formando assim o senso crítico da criança como leitor. De acordo com Bajour, “Não dizer tudo. Insinuar. Sugerir. Calar. Mostrar pela metade. Toda a arte se vale deste delicado equilíbrio entre o dito e o não dito. Entre o que se mostra e o que se oculta” (BAJOUR, 2018, s/p).

Pensando de que forma a literatura está presente nas escolas, surgiu a

necessidade de elaborar uma proposta de currículo literário, partindo de estudos teóricos e de pesquisa para chegarmos ao que podemos chamar de uma orientação sobre boas práticas literárias na escola, que estimulem os estudantes a serem leitores através de literatura de qualidade.

O currículo escrito não passa de um testamento visível, público e sujeito a mudanças, uma lógica que se escolhe para, mediante sua retórica, legitimar uma escolarização. Como tal, o currículo escrito promulga e justifica determinadas intenções básicas de escolarização, à medida que vão sendo operacionalizadas em estruturas e instituições. (GOODSON, 2018, p.39)

Além de um currículo literário de qualidade, devemos pensar no ambiente que o estudante está inserido. Para compreender e interpretar de forma crítica um texto literário precisamos de muita concentração e conhecimentos prévios. Sem isso, nada do que foi lido faz sentido e para que haja uma boa leitura literária devemos estar atentos aos ambientes em que o estudante está inserido, de forma que eles promovam a conexão da criança com o texto lido. Estes ambientes devem ter o mínimo possível de estímulos externos, que roubem a atenção. De acordo com L'Ecuyer:

Com tanta estimulação, tanta invasão de barulhos alheios, afogamos a curiosidade, necessária para que a criança e depois o adolescente possam interiorizar os aprendizados, aprofundar os conhecimentos, escutar, acolher, estar atentos às necessidades alheias, olhar nos olhos, pensar nas consequências de suas ações, discernir, ponderar, refletir sobre o sentido do que se faz. (L'ECUYER, 2015, p. 121)

Um grande problema que vem sendo observado nos hábitos das crianças ao longo dos últimos anos é o excesso do uso de aparelhos eletrônicos e a influência que esse excesso exerce na falta de concentração e percepção de si, como protagonistas de sua vida. L'Ecuyer, diz que “o barulho não somente ensurdece como também cala as perguntas que surgem da curiosidade diante da observação da realidade. “Calar a boca” seria o equivalente, no século XXI, a desligar os dispositivos eletrônicos e as telas” (L'ECUYER, 2015, p. 123).

A criança precisa se conectar a si mesma e precisa se desconectar de diversos estímulos externos para que isso ocorra. Dessa forma ela poderá exercer todo o seu potencial crítico e criativo. A conexão da criança com as obras literárias só é possível quando ela está conectada a si mesma. As obras literárias devem promover essa conexão, sendo fundamental que sejam muito bem escolhidas para que sejam significativas para a criança.

O conhecimento das grandes obras literárias é direito de todos, porém a grande maioria da população carece de cultura literária devido à falta de um currículo literário que organize e apresente essas importantes e significativas obras.

[...] Primeiro, verifiquei que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. Em segundo lugar, a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos. (CANDIDO, 2011, p. 21)

Analisando as possíveis consequências que a falta de um currículo literário implica ao estudante, pensamos em que leitor queremos formar. Para isso, devemos pensar em que livros podemos oferecer. De acordo com Bajour:

[...] Livros que desafiam, que não os infantilizam, que os convidam a ser ativos pesquisadores de como os textos são produzidos e não apenas reconstruídos de argumentos. Livros que dialogam com a sensibilidade estética das crianças, sobretudo numa etapa da vida em que tudo é iniciação, experimento, fertilidade, pergunta em aberto. (BAJOUR, 2012, p. 20)

O conhecimento de obras literárias é um direito de todos e é importante que a introdução à literatura seja feita desde a primeira infância e de forma sequencial, levando em conta os conhecimentos prévios de cada criança e seus temas de livro preferidos. Nessa perspectiva, uma vez que um livro clássico não é apresentado na escola, talvez ele nunca mais seja lido. Trago como exemplo Monteiro Lobato e Ziraldo, que são escritores brasileiros de grande nome, mas que dificilmente a criança terá contato com suas obras se não for na escola.

É função da escola apresentar uma ampla diversidade para a criança poder fazer escolhas.

A reação em favor da literatura tem do seu lado uma notável quantidade de estudos, demonstrando que a leitura de histórias para as crianças incide em aspectos tais como o desenvolvimento do vocabulário, a compreensão de conceitos, o conhecimento de como funciona a linguagem escrita e a motivação para querer ler. (COLOMER, 2007, p. 104)

No nosso dia-a-dia nos deparamos com uma infinidade de livros, mas como fazer a melhor escolha? Quais livros são importantes para a nossa formação como leitor literário?

Segundo Colomer:

[...] Se assistimos à afirmação renovada dessa ideia é porque se está respondendo a um problema imediato: o da mudança das funções sociais da literatura durante a segunda metade do século XX e o da redução do seu espaço escolar em função da leitura “funcional”, do ensino da língua e das demais matérias do currículo. (COLOMER, 2007 p. 104)

Graças ao poder de comunicação das imagens, o livro sem texto atinge um grande número de leitores, pois pode ser lido desde os pré-leitores e, de diferentes nacionalidades. A esse respeito, Camargo salienta que:

O livro de imagem não é um mero livrinho para crianças que não sabem ler. Segundo a experiência de vida de cada um e das perguntas que cada leitor faz às imagens, ele pode se tornar o ponto de partida de muitas leituras, que podem significar um alargamento de campo de consciência: de nós mesmos, de nosso meio, de nossa cultura e do entrelaçamento da nossa com outras culturas, no tempo e no espaço. (CAMARGO, 1995, p.79)

A leitura de imagens é uma das primeiras leituras das crianças e pode ser lida em qualquer parte do planeta, por diferentes povos e por pessoas de diferentes idades. Uma boa ilustração é carregada de significados, podendo ser interpretada de diferentes formas de acordo com o conhecimento prévio do leitor, seu estado emocional e sua construção cognitiva.

É importante pensar na leitura coletiva e também nos comportamentos individuais de leitura. Os momentos de pré-leitura, leitura, e pós-leitura, realizados de forma coletiva, permitem que os estudantes percebam o seu papel como leitor crítico, bem como ampliam seus horizontes de expectativas. Soares diz que:

[...] Não basta aprender a ler e a escrever. As pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e escrever, mas não necessariamente adquirem competência para usar a leitura e a escrita, para envolver-se com as práticas sociais da escrita. (SOARES, 2020, p. 45)

Nesse sentido, a literatura tem o poder de formar sujeitos críticos e exige esforço cognitivo, já que ela não dá as informações prontas. O grau de compreensão do texto lido vai depender de cada indivíduo, já que todos somos diferentes, possuímos diferentes expectativas e conhecimentos sobre o tema.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura dessa não possa prescindir da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1984, p. 9)

Levando em conta as provocações dos autores, precisamos considerar a criança potente, ativa, não subestimar a capacidade das crianças. Vamos levar livros que as convidem a ler, pois elas podem atribuir sentidos desde pequenas. É importante observar o comportamento da criança após a leitura de um livro, como elas reagem, que conclusões elas tiram. Quais são as inferências. De acordo com Solé:

[...] a interpretação que nós, leitores, realizamos dos textos que lemos depende em grande parte do objetivo da nossa leitura. Isto é, ainda que o conteúdo de um texto permaneça invariável, é possível que dois leitores com finalidades diferentes extraiam informação distinta do mesmo. (SOLÉ, 1998, p.18)

É importante disponibilizarmos uma ampla variedade de livros literários com conteúdos, espessuras, cores, ilustrações, formas e línguas diversas. Muitas vezes a escassez de livros diversificados na escola ou a falta de contato com os mesmos faz com que as crianças não saibam sobre qual livro tem preferência.

É tarefa da escola mostrar as “portas de acesso” para a leitura, com destaque para a leitura literária, até porque, graças à extensão da escolaridade, lê-se muito, embora o que e para que se lê está longe de corresponder à literatura e seus possíveis benefícios. Sendo assim, caberia à escola, não apenas ensinar a ler, mas, principalmente, formar leitores que, terminados os estudos, continuassem lendo. (COLOMER, 2007, p. 104)

Se faz necessária a implementação de um currículo literário que garanta o direito à literatura a todos os estudantes. Todavia, a maior parte das escolas não conta com professores mediadores de leitura ou com uma biblioteca escolar com um grande acervo variado de livros de literatura. A falta de acesso ao universo literário implica na formação da criança como leitora. A BNCC assegura que:

Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura. (BNCC, 2017, p. 138)

Nessa etapa, espera-se que o aluno desenvolva interesse pelas obras e aceite textos desconhecidos, clássicos e desafiadores. Portanto, busca-se a progressão da leitura, de modo a continuar ampliando o repertório do estudante. Sobre isto, a BNCC sugere:

Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural,

com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas. (BNCC, 2017, p. 65)

Podemos reafirmar que o acesso à literatura em suas diferentes formas é direito de todos a partir da primeira infância, sendo assim necessária a implementação urgente de políticas públicas que garantam o acesso universal e que fomentem a fruição literária. Essa prática só é possível na escola com professores mediadores de leitura e através de eventos literários, que mostram a importância da literatura em suas diferentes formas. A sociedade literária precisa ser fortalecida e seu valor cada vez mais reconhecido. Um currículo que visa fortalecer a sociedade literária necessita contemplar diferentes gêneros literários, agregando práticas contemporâneas, utilizando a tecnologia ao seu favor, mas também ressignificando práticas antigas.

3 ABORDAGEM METODOLÓGICA: A LITERATURA NA PRÁTICA

Para iniciar uma proposta de currículo literário, foi realizada uma pesquisa de opinião, mediante formulário digital que permitiu um levantamento com cinquenta e cinco estudantes do 5º ano, sobre suas preferências e hábitos como leitores. A partir desse levantamento, foi possível analisar quais são os obstáculos que fazem com que muitos alunos não leiam obras literárias e o que podemos fazer para fazer frente a essa problemática.

A abordagem metodológica segue os princípios de um estudo qualitativo, do tipo pesquisa-ação. Assim, a abordagem qualitativa se preocupa com o nível de realidade que não pode ser quantitativo, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, de motivação, aspirações, crenças e atitudes (MINAYO, 2014).

O tipo pesquisa-ação é importante, visto que o estudo propõe o desenvolvimento de uma proposta de currículo literário com os estudantes do 5º ano do ensino fundamental. Conforme Severino, (2013, p. 105 - 106),

A pesquisa ação é aquela que, além de compreender, visa intervir na situação, com vistas a modificá-la. O conhecimento visado articula-se a uma finalidade intencional de alteração da situação pesquisada. Assim, ao mesmo tempo que realiza um diagnóstico e a análise de uma determinada situação, a pesquisa-ação propõe ao conjunto de sujeitos envolvidos mudanças que levem a um aprimoramento das práticas analisadas.

Os dados que serviram de ponto de partida para o estudo empírico foram

extraídos do formulário Google Form com questões abertas e fechadas, apresentadas em apêndice nesse estudo (APÊNDICE A).

Os procedimentos adotados no estudo foram os seguintes:

- 1) Estudo do campo conceitual sobre leitura literária.
- 2) Estudo da legislação das políticas educacionais, enfatizando diretrizes curriculares para a leitura literária.
- 3) Com base no contexto da proposição foi realizado um estudo exploratório do contexto e um levantamento de dados junto aos estudantes do 5º ano, do ensino fundamental de uma escola.
- 4) Foi realizada a tabulação e descrição das informações obtidas no levantamento.
- 5) Foi planejada uma proposta para compor um currículo literário, sendo apresentada no formato de uma sequência didática.
- 6) O estudo foi finalizado com reflexões, elencando possibilidades de continuidade da proposição de um currículo literário na turma.

4 A LITERATURA NA PERSPECTIVA DO ESTUDANTE

Conforme já anunciado, a investigação partiu das informações levantadas junto a cinquenta e cinco estudantes do quinto ano do ensino fundamental, distribuídos conforme ilustrado no seguinte quadro:

Ano/turma	Quantidades de estudantes	Faixa etária
5º ano A	26 estudantes	Entre 9 e 10 anos
5º ano B	29 estudantes	Entre 9 e 10 anos

Nessa seção serão apresentadas as respostas dos estudantes às perguntas sobre o como eles se veem como leitores, intitulado comportamento leitor. As perguntas foram feitas através do formulário Google Form, e para responder, cada estudante recebeu um chromebook em sala de aula, possibilitando que todos respondessem de forma individual enquanto a professora narrava as perguntas. A maioria demonstrou domínio do assunto a ser respondido, surgindo poucas dúvidas. Na maior parte das perguntas era possível que o estudante marcasse a opção, outro, e escrevesse sua opinião, caso nenhuma das alternativas contemplasse sua resposta.

O exercício de análise se baseou no quadro de respostas e fundamentou a elaboração de uma proposta que pode compor um currículo literário, contemplando as preferências literárias dos estudantes. O propósito é promover experiências literárias aos estudantes, ao mesmo tempo ampliar os seus horizontes, proporcionando novas e variadas vivências em meio ao mundo literário.

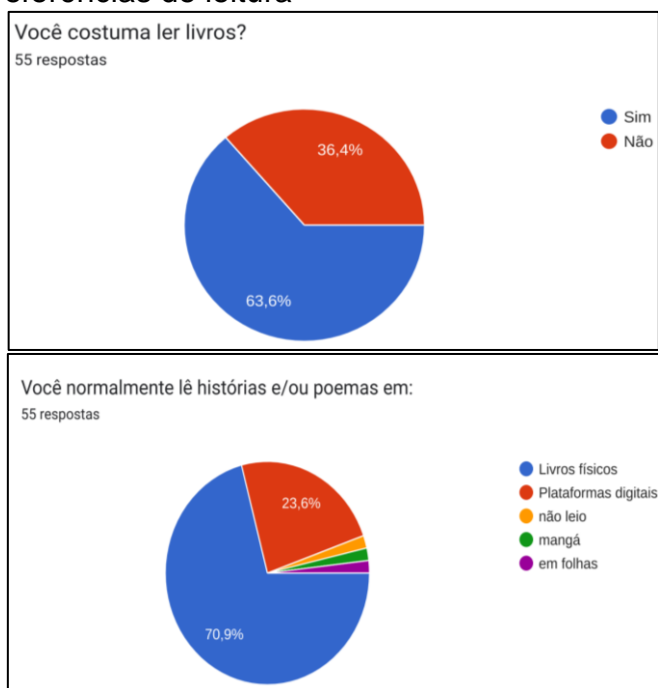
Esse exercício de olhar para os dados permitiu elencar dois eixos que indicam elementos para a proposição de um currículo literário: o eixo “Preferências de leitura: gênero, temas, contextos e aspectos físicos”; e o eixo “Preferências de leitura: hábitos, ambientes, autores e outros”, descritos e analisados na sequência.

5.1 PREFERÊNCIAS DE LEITURA: GÊNERO, TEMAS, CONTEXTOS E ASPECTOS FÍSICOS

Nesse eixo são descritas as respostas que permitiram identificar as preferências dos estudantes referentes a gênero, temas, contextos e aspectos físicos, que vão contribuir para a elaboração da proposta de currículo literário.

Quando questionados sobre a leitura de livros, 63,6% admitiram ler livros, outros 36,4% não leem livros, conforme ilustrado nos gráficos a seguir.

Gráfico 1: Preferências de leitura

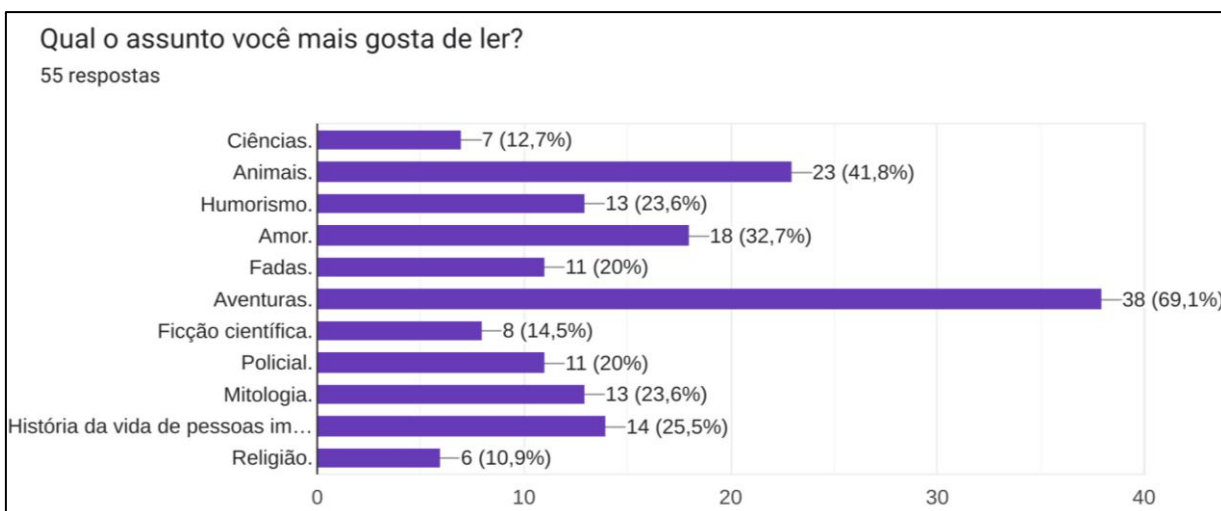


Fonte: Questionário de coleta de dados.

Quando questionados sobre o assunto preferido, a maioria, 69,1% optou por

livros de aventura. A questão era de múltipla escolha, permitindo que o estudante opte por mais de uma alternativa.

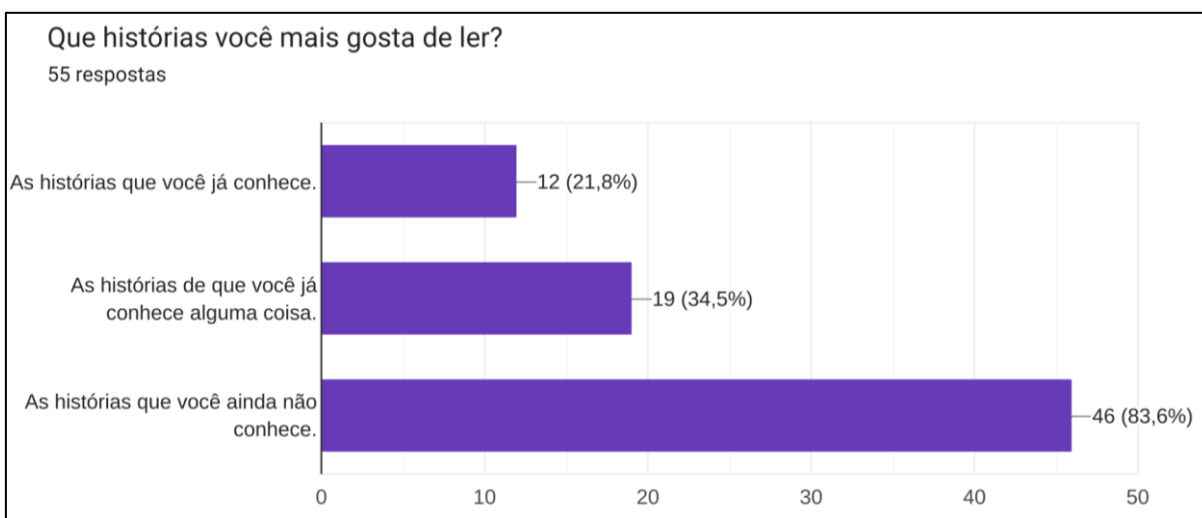
Gráfico 2: Qual assunto você mais gosta de ler?



Fonte: Questionário de coleta de dados.

Sobre as histórias que mais gosta de ler, 83,6% dos estudantes afirmam que preferem ler histórias novas.

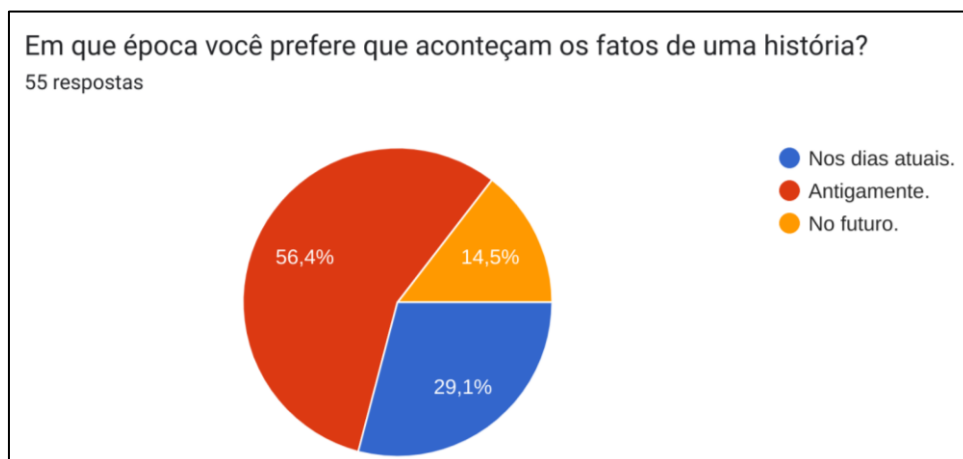
Gráfico 3: Que histórias você mais gosta de ler?



Fonte: Questionário de coleta de dados.

Mas, ao mesmo tempo que gostam de histórias novas, 56,4% afirmam que preferem quando os fatos da história ocorrem no passado.

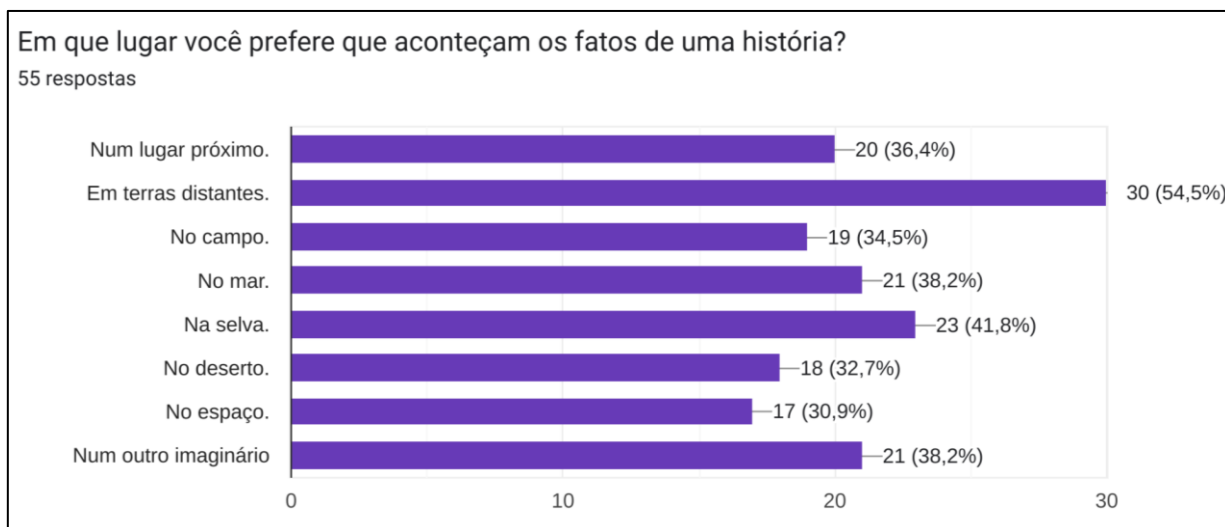
Gráfico 4: Em que época você prefere que aconteçam os fatos de uma história?



Fonte: Questionário de coleta de dados.

Quando questionados sobre em que lugar preferem que aconteçam os fatos de uma história, a maior parte respondeu que prefere que aconteçam em terras distantes. Essa pergunta era de múltipla escolha.

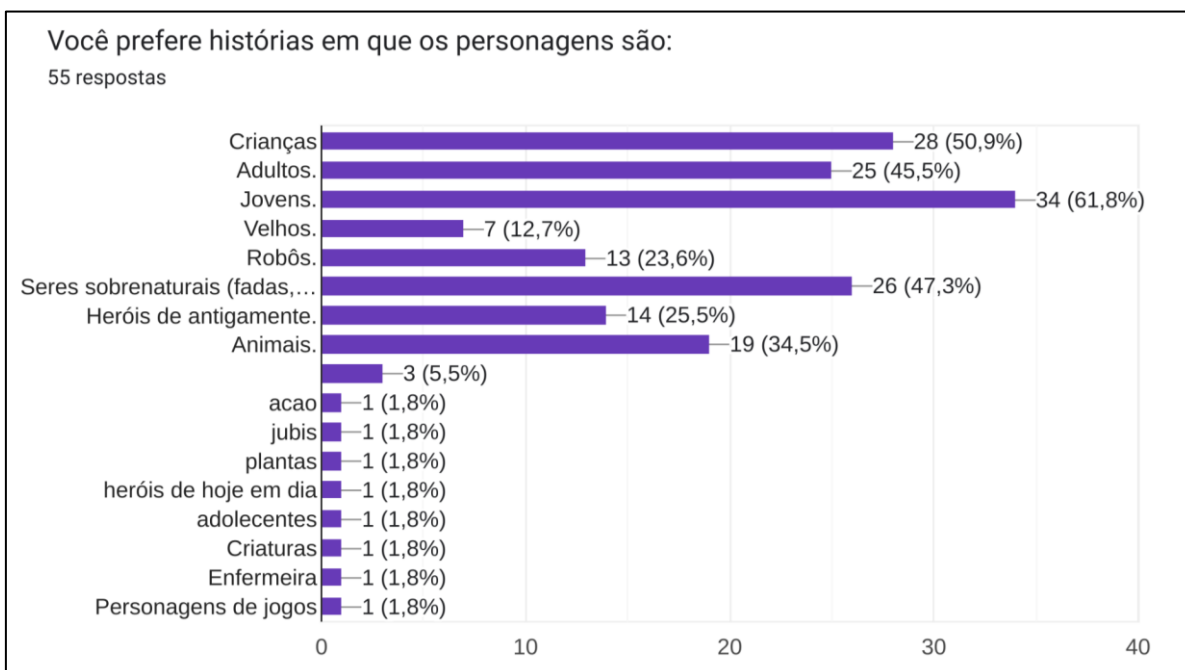
Gráfico 5: Em que lugar você prefere que aconteçam os fatos de uma história?



Fonte: Questionário de coleta de dados.

Nesta questão podemos verificar que 61,8% dos estudantes preferem histórias em que os personagens são jovens. Outras alternativas apresentaram um resultado próximo, já que a questão era de múltipla escolha.

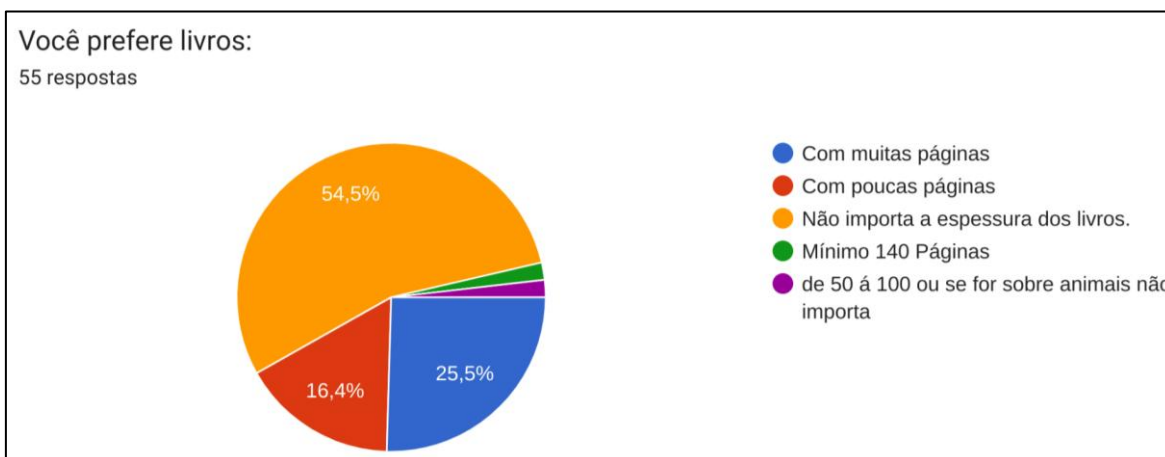
Gráfico 6: Você prefere histórias em que os personagens são:



Fonte: Questionário de coleta de dados.

No gráfico a seguir, percebemos que a espessura do livro não é problema para a maioria dos estudantes, pois 54,5% dos estudantes do 5º ano não se importam com a espessura do livro, enquanto 16,5% prefere com poucas páginas.

Gráfico 7: Você prefere livros:



Fonte: Questionário de coleta de dados.

Além de considerar as preferências da maioria, há que se levar em conta que as preferências dos estudantes têm a ver com suas interações sociais. Para Soares (2020, p.18), “leitura não é um ato solitário, é interação verbal entre indivíduos, e indivíduos socialmente determinados: o leitor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros”.

5.2 PREFERÊNCIAS DE LEITURA: HÁBITOS, AMBIENTES, AUTORES E OUTROS

A partir do questionário, pode-se perceber que grande parte das respostas foram sinceras pois os estudantes buscaram responder da forma mais espontânea possível, revelando de fato sua realidade leitora. Apesar disso, percebi que muitos não têm o hábito da leitura, mas se aventuraram em responder sobre suas preferências.

Após as perguntas de múltipla escolha, foi a pergunta abaixo que permitiu que o estudante escrevesse sobre seu comportamento leitor.

Deixe algum comentário sobre seu comportamento de leitura. Aproveite para identificar o autor/a autora que lhe influenciou a começar a ler literatura, continuar a ler, assim como pessoas, lugares e hábitos que reforçam ou não suas atividades leitoras, etc.

55 respostas

Das cinquenta e cinco respostas, é possível elencar três enfoques:

- Comportamento leitor e hábitos de leitura: a grande maioria dos estudantes afirmou que têm preferência pela leitura em ambientes calmos, com poucos ou nada de estímulos visuais e/ou sonoros. Quanto aos hábitos leitores, percebe-se que a maioria realiza leituras, desde que o estilo seja da sua preferência.
- Autor que influenciou: em relação a influência de leitura, mencionam desde professores, ao contato com livros como Pokémon, diários, mangás, Harry Potter, gibi e algumas menções de clássicos como Pequeno Príncipe e Monteiro Lobato, além de escritores que passaram pela escola na feira literária, como, Milene Barazzetti, Eliandro Rocha, Léia Cassol e Marô Barbieri.
- Hábitos leitores: Boa parte dos estudantes não respondeu sobre o autor que exerceu influência sobre o hábito de leitura, alguns relataram que leem pouco e não lembraram de nomes de escritores no momento.

Esta pergunta foi reveladora, e a partir dela pude notar o quanto os eventos literários e a intervenção de mediação de leitura tem influenciado nos hábitos de leitura das crianças. Observando as respostas, percebi que muitos se referiam a escritores que participaram de feiras literárias em nossa escola, como, Eleonora Medeiros (2022) e Milene Barazzetti (2021). Outro aspecto importante relatado foi o papel da família com influenciadores da leitura, não como algo que imponha a leitura, mas como exemplos de leitores. Observamos aqui a escola e família com um papel importante

no despertar do estudante leitor.

Vemos o reflexo da falta de leitura na própria escrita que por vezes se encontra sem pontuação ou letra maiúscula no início de frase e substantivos próprios. A falta de argumento é visível em quem não lê, sendo observada ampla dificuldade em formar uma frase descritiva que relata ao próximo tudo aquilo que está pensando. O foco deste currículo é de que forma despertar o gosto pela leitura destes estudantes que ainda não veem sentido para ler.

Muitos relatos fazem queixas ao ambiente que se encontram que não estimula a leitura, geralmente com muitos estímulos visuais e sonoros. De acordo com L'Ecuyer:

Nossos filhos devem consolidar seus hábitos de leitura antes de deixar-se levar pelo discurso habitual do mundo virtual e pela tela que os faz ficar mudos por fazer tudo no lugar deles. Ler para ter interioridade, capacidade crítica, de reflexão, de contemplação, de curiosidade. (L'ECUYER, 2015, p. 128)

O resultado da pesquisa é preocupante, visto que são poucos os que realmente leem ou que gostam de ler, que leem por prazer e não por obrigação. Ele mostra o porquê da urgência em elaborarmos e pôr em prática um currículo literário de qualidade que possa proporcionar experiências literárias diversificadas e que assim faça o estudante identificar suas preferências literárias.

6 PROPOSTA PARA COMPOR UM CURRÍCULO LITERÁRIO

6.1 SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Os procedimentos envolvem um levantamento de dados junto aos estudantes de duas turmas de quinto ano do ensino fundamental de uma escola pública de educação básica da região metropolitana de Porto Alegre. O levantamento previu conhecer as preferências de leitura dos estudantes e quais as necessidades básicas da literatura que não têm sido contempladas.

O critério de escolha dos participantes foi o contexto de atuação da pesquisadora, enquanto docente das turmas de séries iniciais, visto que o quinto ano é a etapa final das séries iniciais e reflete toda a trajetória literária que tiveram ao longo dos últimos anos na escola.

Os estudantes escola participam de aulas semanais do projeto de

mediação de leitura, que é ministrada por um(a) professor(a) que cobre a hora atividade dos professores titulares das turmas. Através desse projeto, realizamos o empréstimo de livros de literatura da biblioteca, hora do conto, feira literária e sacola literária.

Na feira literária da escola, que ocorre todos os anos, homenageamos algum(a) escritor(a), o qual é convidado a participar do evento, dando autógrafos e interagindo com os estudantes. Além disso, a proposta contém a sacola literária, que possibilita que o estudante leve para casa uma série de livros de literatura que foram cuidadosamente selecionados pela equipe de assessoria da secretaria de educação do município. Recebemos uma sacola literária para cada turma e cada estudante permanece aproximadamente três dias com a sacola até fazer a devolução e repassarmos para o próximo colega.

Como proposta de ensino, optou-se por empregar princípios da sequência didática proposta a partir de Zabala (1998), por considerar pertinente à ação vinculada à pesquisa realizada, no sentido de concretizar experimentações da proposta de currículo literário.

Para Zabala (1998, p. 18), sequência didática é “um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecido tanto pelos professores como pelos alunos”.

Ainda conforme Zabala (1998), a sequência didática é uma proposta de atividades vinculadas a um conteúdo específico a ser desenvolvido de maneira articulada aos diferentes componentes curriculares.

A literatura fala por si só. Muitos utilizam o livro como sendo um complemento do tema proposto em aula, porém, a literatura deve ser considerada o objeto principal de estudo, deve ser explorada em momentos de pré-leitura, leitura e pós-leitura. De acordo com Cosson:

[...] não pode entreter-se apenas com o tema em si, mas sim com a repercussão dele dentro da obra. Depois, é preciso não fugir da obra em favor do tema, isto é, muitas vezes o estudo daquele tema é tão interessante que a obra fica para trás e o que deveria ser um estudo literário passa a ser um estudo deste ou daquele assunto [...] professor e alunos não podem considerar a contextualização algo externo ao texto, uma atividade escolar destinada a preencher o tempo, mas sim uma maneira de ir mais longe na leitura do texto, de ampliar o horizonte de leitura de forma consciente e consistente

com os objetivos do letramento literário na escola. (COSSON, 2021, p.90)

Nesta seção propõe-se dois exemplos de sequência didática. A primeira delas contempla as fábulas e a segunda, textos literários brasileiros. De origem europeia, as fábulas fazem parte de nossa infância e são textos que tem como finalidade uma formação ética e moral em seu leitor, pois evidencia determinados valores socioculturais em seu conteúdo, com sutileza sem que percebam.

Fábula (lat. *fari*=falar e gr. *phaó*=dizer, contar algo) é a narrativa (de natureza simbólica) de uma situação vivida por animais que alude a uma situação humana e tem por objetivo transmitir certa moralidade. A julgar pelo que a história registra, foi a primeira espécie de narrativa a aparecer. (COELHO, 2000, p. 165)

A segunda sequência didática traz textos literários brasileiros, voltados aos povos originários, sendo contos tradicionais desses povos ou textos literários que trazem aspectos culturais regionais. É necessário resgatarmos a cultura dos povos originários visto que foram vítimas de um etnocídio desenfreado desde a chegada dos primeiros portugueses ao Brasil.

A escola é um espaço de interação social e de pluralidade, de reconhecimentos e de aceitação da alteridade. A escola precisa reconhecer a diversidade cultural a partir das culturas esquecidas e massacradas e viabilizar a construção das identidades e representatividades. A abordagem da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena prevista no artigo 26 da LDBEN, reforçada pela Lei nº. 11.645/2008, deve ser constante nos currículos oficiais das redes de ensino. Desse modo, os objetos do conhecimento devem incluir

[...] diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. (BRASIL, 2008b)

A legislação determina que esses conteúdos sejam abordados também nas áreas em que se concentram a Arte, a Literatura e a História do Brasil, como reconhece Resolução CNE/CP nº. 1/2004, ao instituir as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (DCNERER) que apresentam como objetivo

[...] a divulgação e produção de conhecimentos, bem como de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam a todos, respeito aos direitos legais e valorização de identidade, na busca da consolidação da democracia brasileira. (BRASIL, 2004b, p. 492)

Na segunda sequência didática recomenda-se a leitura do livro “As Aventuras de Tibicuera” de Érico Veríssimo e “Nós, uma antologia de literatura indígena” de Mauricio Negro e Kabá Darebu, de Daniel Munduruku.

Érico Veríssimo, quando decidiu escrever “As Aventuras de Tibicuera”, certamente conhecia boa parte dessa literatura que tratava da história do Brasil. Eram narrativas que se destinavam a enaltecer o país, seu território e seu povo, mais especificamente, os povos originários. Na apresentação, na verdade, o autor não quer explicar muita coisa. Ele quer ganhar o leitor, introduzindo-o no mistério que envolvia as aventuras que iria ler. Abrindo-se o livro, está escrito:

Aqui estão as aventuras de Tibicuera, contadas por ele próprio. O herói narra sua espantosa viagem que começou numa taba tupinambá antes de 1500 e terminou num arranha-céu de Copacabana em 1942. Não hesito em passar as mãos de vocês esse romance, porque no fundo ele conta também muito das aventuras do nosso Brasil. A princípio pode parecer fantástico que um homem tenha conseguido atravessar vivo e rijo mais de quatrocentos anos. Mas estou certo de que, após a leitura do capítulo intitulado ‘O segredo do pajé’, todos vocês aceitarão o fato e, mais, hão de fazer o possível para seguir os conselhos do feiticeiro a fim de vencer o tempo e a morte. (VERÍSSIMO, 1966, p. 4)

O livro de Veríssimo foi escrito no ano de 1966, e de lá para cá, os conceitos sobre os povos originários mudaram muito, como por exemplo, a palavra índio foi substituída por indígena, também recomenda-se usar os termos aldeia, terra ou território indígena, em vez de tribo. Nesse sentido, a leitura permite que se possa analisar esses deslocamentos com os estudantes, no que se refere às práticas sociais.

O livro “Nós, uma antologia de literatura indígena”, segundo Mauricio Negro, traz histórias inspiradoras, narradas por escritores indígenas, legítimos herdeiros de diferentes etnias, que oferecem uma oportunidade de desatar alguns desses “nós” (2019, p. 9). A palavra nó é usada para se referir àquilo que cala e à pergunta sem resposta. Já o livro Kabá Darebu, traz a narrativa de um menino indígena que nos conta, com sabedoria e poesia, o jeito de ser de sua gente, os Munduruku. Esse livro é recomendado para estudantes do segundo, terceiro, quarto e quinto anos.

Nossos pais nos ensinam a fazer silêncio para ouvir os sons da natureza; nos

ensinam a olhar, conversar e ouvir o que o rio tem para nos contar; nos ensinam a olhar o voo dos pássaros para ouvir notícias do céu; nos ensinam a contemplar a noite, a lua, as estrelas. (MUNDURUKU, 2002, p.18)

O resgate da cultura dos povos indígenas é algo primordial pois ela diz muito sobre o lugar onde vivemos, sobre a natureza, sobre nós, que fazemos parte da natureza, mas esquecemos disso. Aprendemos durante muito tempo a cultura de povos distantes e já está na hora de resgatarmos a ancestralidade do nosso povo.

Com tanta diversidade cultural, históricas milenares de experiências de modos de vida, construções e sabedorias existenciais, cremos que a nossa história (ocidental moderna) é o centro, a única, ou a melhor, é de uma pretensão reducionista e de uma arrogância capazes de nos cegar para importantes contribuições que vêm de todos os lados. Percebemos e aceitamos a riqueza de outras formas de estar no mundo é fecundar um futuro grávido de possibilidades. Ensinar e aprender na postura integrativa da interculturalidade é hoje uma postura radical de transformação das relações políticas, econômicas, sociais, educativas, epistêmicas, que rompe o reducionismo atual, amplia a possibilidade das relações e dos direitos que se estabelecem entre as partes. (MONTEIRO E TIRIBA, 2014, p. 96 - 97)

Nos deparamos com uma vasta gama de Leis e Diretrizes que orientam o ensino de vários estilos literários, mas na prática sentimos falta de livros literários variados e de uma orientação direta para os professores através do currículo literário e formações de professores.

Nós, indígenas, tivemos um conflito muito sério no campo da educação quando ela tornou-se oficial. A educação aos moldes da oficialidade é, dentro de um sistema que é “para todas e todos”, um sistema que é para indígenas e não indígenas. E, infelizmente, esse modelo silencia e invisibiliza as culturas dos povos indígenas e de outras populações. Na proposta da educação oficial, tem que caber a educação específica e diferenciada e aí percebemos que é um conflito muito grande, porque é uma mudança de conceito, de ideias e uma mudança do próprio sistema da educação ocidental. (BANIWA, 2023, p. 24- 25)

Nesse sentido, a proposta a seguir configura-se um disparador para o desenvolvimento de um currículo literário, em que a articulação com o ensino não seja para uso do livro como meio de desenvolver outros conteúdos, mas experiências de letramento literário que fomente a leitura de fruição.

6.2 PRIMEIRA SEQUÊNCIA DIDÁTICA - FÁBULAS

Objeto de conhecimento:

Reconstrução das condições de produção e recepção de textos
Estratégia de leitura
Planejamento de texto
Revisão de textos
Edição de textos
Oralidade pública/Intercâmbio conversacional em sala de aula
Escuta atenta
Características da conversação espontânea
Relato oral/Registro formal e informal
Leitura de imagens em narrativas visuais
Formação do leitor literário
Leitura colaborativa e autônoma
Apreciação estética/Estilo

Habilidade(s)

(EF15LP05) Planejar, com a ajuda do professor, o texto que será produzido, considerando a situação comunicativa, os interlocutores (quem escreve/para quem escreve); a finalidade ou o propósito (escrever para quê); a circulação (onde o texto vai circular); o suporte (qual é o portador do texto); a linguagem, organização e forma do texto e seu tema, pesquisando em meios impressos ou digitais, sempre que for preciso, informações necessárias à produção do texto, organizando em tópicos os dados e as fontes pesquisadas.

(EF15LP07) Editar a versão final do texto, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, ilustrando, quando for o caso, em suporte adequado, manual ou digital.

(EF15LP09) Expressar-se em situações de intercâmbio oral com clareza, preocupando-se em ser compreendido pelo interlocutor e usando a palavra com tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado.

(EF15LP10) Escutar, com atenção, falas de professores e colegas, formulando perguntas pertinentes ao tema e solicitando esclarecimentos sempre que necessário.

(EF15LP13) Identificar finalidades da interação oral em diferentes contextos comunicativos (solicitar informações, apresentar opiniões, informar, relatar experiências etc.).

(EF15LP14) Construir o sentido de histórias em quadrinhos e tirinhas, relacionando imagens e palavras e interpretando recursos gráficos (tipos de balões, de letras, onomatopeias).

(EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.

(EF15LP16) Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor e, mais tarde, de maneira autônoma, textos narrativos de maior porte como contos (populares, de fadas, acumulativos, de assombração etc.) e crônicas.

(EF15LP17) Apreciar poemas visuais e concretos, observando efeitos de sentido criados pelo formato do texto na página, distribuição e diagramação das letras, pelas ilustrações e por outros efeitos visuais.

(EF15LP18) Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.

Apresentação da situação

A sequência didática abordará as fábulas, podendo ficar a critério do(a) professor(a) escolher a fábula a ser trabalhada. O ideal é apresentar mais de uma fábula.

Módulo I	<p>Contar a cada dia uma fábula, após trocar ideias e conversar sobre a mensagem final de cada uma que geralmente envolve valores.</p> <p>Pesquisar a origem de cada fábula e que mensagens ocultas estão presentes na história.</p>
Módulo II	<p>Criar grupos e cada grupo ficará responsável por pesquisar sobre uma fábula diferente. Contar a fábula aos colegas utilizando diferentes recursos, como: Fantoche, teatro, apresentação de slides, entre outros.</p>
Produção final	<p>Para finalizar faremos um trabalho de releitura da obra literária que será reescrita pensando em uma nova trama, desenvolvendo um novo final para a história.</p> <p>Sugiro a criação de um livro com uma página reservada para cada estudante. Cada dia um leva para casa o livro e escreve sua releitura da história, podendo fazer uma ilustração no final da página. No final, teremos um livro com várias releituras da mesma história, podendo assim compararmos as versões.</p> <p>Realizar uma exposição com as releituras das obras a partir do livro de releituras.</p>
Avaliação dos módulos	<p>A avaliação será realizada em diferentes etapas, levando em consideração os conhecimentos prévios dos estudantes e o que desenvolveram ao longo das atividades propostas. Os aspectos qualitativos serão priorizados.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Roda de conversa - Parte 1 Avaliar conhecimentos prévios dos estudantes por meio de perguntas. - Roda de conversa - Parte 2 Desenvolver uma conversa com troca de informações sobre o livro lido - Intertextualização Após a turma desenvolver um projeto de sequência de leituras propomos que o fechamento avaliativo seja a intertextualização, ou seja, que o estudante possa fazer uma trama de todas as obras lidas,

	<p>trazendo informações que se contemplam ou se contradizem de forma textual ou apresentação ao grande grupo, para que possa trocar ideias.</p> <p>A avaliação deve ser um momento de aprendizagem por meio da troca de ideias e aprendizagens.</p>
--	---

6. 3 SEGUNDA SEQUÊNCIA DIDÁTICA - LITERATURA INDÍGENA

<p>Objeto de conhecimento:</p> <p>Reconstrução das condições de produção e recepção de textos Estratégia de leitura Planejamento de texto Revisão de textos Edição de textos Oralidade pública/Intercâmbio conversacional em sala de aula Escuta atenta Características da conversação espontânea Relato oral/Registro formal e informal Leitura de imagens em narrativas visuais Formação do leitor literário Leitura colaborativa e autônoma Apreciação estética/Estilo</p> <p>Habilidade(s)</p> <p>(EF15LP05) Planejar, com a ajuda do professor, o texto que será produzido, considerando a situação comunicativa, os interlocutores (quem escreve/para quem escreve); a finalidade ou o propósito (escrever para quê); a circulação (onde o texto vai circular); o suporte (qual é o portador do texto); a linguagem, organização e forma do texto e seu tema, pesquisando em meios impressos ou digitais, sempre que for preciso, informações necessárias à produção do texto, organizando em tópicos os dados e as fontes pesquisadas.</p> <p>(EF15LP07) Editar a versão final do texto, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, ilustrando, quando for o caso, em suporte adequado, manual ou digital.</p> <p>(EF15LP09) Expressar-se em situações de intercâmbio oral com clareza, preocupando-se em ser compreendido pelo interlocutor e usando a palavra com tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado.</p> <p>(EF15LP10) Escutar, com atenção, falas de professores e colegas, formulando perguntas pertinentes ao tema e solicitando esclarecimentos sempre que necessário.</p> <p>(EF15LP13) Identificar finalidades da interação oral em diferentes contextos comunicativos (solicitar informações, apresentar opiniões, informar, relatar experiências etc.).</p> <p>(EF15LP14) Construir o sentido de histórias em quadrinhos e tirinhas, relacionando imagens e palavras e interpretando recursos gráficos (tipos de balões, de letras, onomatopeias).</p> <p>(EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.</p> <p>(EF15LP16) Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor e, mais tarde, de maneira autônoma, textos narrativos de maior porte como contos (populares, de fadas, acumulativos, de assombração etc.) e crônicas.</p>

<p>(EF15LP17) Apreciar poemas visuais e concretos, observando efeitos de sentido criados pelo formato do texto na página, distribuição e diagramação das letras, pelas ilustrações e por outros efeitos visuais.</p> <p>(EF15LP18) Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.</p>	
<p>Apresentação da situação</p>	<p>A partir do livro “Nós, uma antologia de literatura indígena”, vamos selecionar alguns contos a serem apresentados aos estudantes. Os contos têm origem indígena e trazem a cultura literária dos povos originários.</p> <p>Outra opção, é o livro “Kabá Darebu”, onde um menino indígena relata a rotina do povo Munduruku.</p> <p>“As Aventuras de Tibicuera”, de Érico Veríssimo, escrito em 1937, oferece sua versão da história do Brasil por meio das peripécias de um jovem índio capaz de vencer o tempo e a morte.</p>
<p>Módulo I</p>	<p>A partir da leitura do livro As aventuras de Tibicuera e de outro livro sobre a cultura indígena que seja mais recente, vamos fazer uma análise comparativa sobre as formas de escrita das diferentes épocas e sobre o que mudou. Por exemplo, índio já não é mais o termo correto para se referir, o correto é indígena.</p>
<p>Módulo II</p>	<p>Vamos fazer uma pesquisa sobre os povos originários do Brasil e sua cultura.</p> <p>Se possível, formar grupos e cada grupo pesquisará sobre um povo indígena.</p> <p>Línguas - O Brasil registra 274 línguas indígenas diferentes faladas por 305 etnias.</p> <p>Música - Instrumentos e o significado da música.</p> <p>Literatura - De que forma a literatura está inserida em cada povo originário.</p> <p>Crenças - Interação com a natureza, filosofia de vida ou religião.</p> <p>Agricultura - Alimentação, organização através do calendário indígena.</p>
<p>Produção final</p>	<p>Cada grupo apresentará sua pesquisa e desta forma todos os estudantes poderão fazer uma análise comparativa e assim perceberem que os povos originários têm diferentes culturas e são únicos.</p>

Avaliação dos módulos	A avaliação será contínua, desde o primeiro módulo, e levará em consideração o desempenho do estudante ao fazer a análise crítica do texto literário lido. Desta forma, precisa mostrar quais foram as suas conclusões sobre a pesquisa e as leituras realizadas.
-----------------------	---

6.2 AVALIAÇÃO DA PROPOSTA

É importante ressaltar que a avaliação foi uma constante durante o desenvolvimento proposto, perpassando por todas as etapas. Numa perspectiva de avaliação formativa, Hadji (2001) contribui quando sugere que a avaliação precisa ser contínua e regular tanto nas atividades de ensino, quanto de aprendizagem. Está mais enfatizada no processo, do que no resultado. Se dá de maneira contínua, identificando desafios e possibilidades. Segundo Cosson:

Todavia, não é apenas o descentramento do aluno, de quem se rouba o papel de agente da leitura literária, que impede um processo de avaliação mais atualizado. Por trás dessa prática descentralizadora, permanece a concepção de que a literatura é uma arte que não se ensina, logo não pode ser avaliada. A leitura literária, nessa concepção, é algo tão fugidio e frágil que qualquer tentativa de aprisioná-la em testes ou notas terminará por afastar o leitor do texto. Desse modo, cabe ao professor aceitar como válidas as impressões de leitura dos alunos, sem maiores questionamentos, porque elas são o único produto legítimo do sentimento inefável que une a obra e o leitor. (COSSON, 2021, p. 113)

Através das leituras e análises das respostas consideradas para a elaboração dessa proposta, foi possível observar que não existe uma fórmula ou um método específico para incentivar a leitura. As crianças aprendem de diferentes maneiras e isso também vale para a formação de leitores.

O bom professor certamente não é aquele que muito reprova ou aprova a todos, o educador do futuro é aquele que toma todas as medidas para que a aprendizagem aconteça para todos; o bom professor é aquele que sabe desviar-se da cultura de reprovação; o educador do futuro é aquele que sabe avaliar ensinando e ensinar avaliando; o bom professor é aquele que tem consciência do ato de ensinar; o educador do futuro é aquele que se preocupa em dar sentido aos conteúdos escolares, aproximando-os da realidade vivida pelos alunos; o bom professor não é somente aquele disponibiliza uma grande

gama de conteúdos aos alunos, mas o que sabe viabilizara capacidade de associação de ideias dos estudantes; o educador do futuro é aquele que facilita a busca e a seleção de informações; o bom professor é aquele que orienta o processo da passagem da informação para o conhecimento. (BOTH, 2012 p. 58 - 59)

As rodas de conversa, o diálogo, o texto, a observação dos estudantes de um modo geral, permite identificarmos os conhecimentos prévios dos mesmos e avaliar o desempenho como leitores, demonstrando interesse e ampliando suas habilidades e seus horizontes.

Não se avalia o aluno para saber se ele “aprendeu” a informação que lhe foi repassada pelo professor e, sim, para saber se ele, além dos conhecimentos construídos a partir das informações transmitidas pelo professor ou buscadas por ele próprio, adquiriu as competências, as capacidades e as habilidades essenciais para sua participação efetiva na sociedade, que deveriam ser desenvolvidas pela escola, diante de sua responsabilidade de formar integralmente os alunos, para que eles possam viver o hoje e preparar-se para o amanhã. (BOTH, 2012, p. 126)

A literatura fala por si só e ocorre de forma interdisciplinar. Ela é a arte em forma de palavras. Possibilita adquirirmos experiência e conhecimento sobre assuntos e sentimentos que não presenciamos na realidade, nos ensina a ter empatia e respeito por outras formas de pensar. Desse modo podemos dizer que ela nos prepara para a vida, nos transforma através do conhecimento. Por isso a avaliação é algo pessoal e não deve ser igual para todos.

Podemos entender que a função social do ensino não consiste apenas em promover e selecionar os “mais aptos” para a universidade, mas que abarca outras dimensões da personalidade. Quando a formação integral é a finalidade principal do ensino e, portanto, seu objetivo é o desenvolvimento de todas as capacidades da pessoa e não apenas as cognitivas, muitos dos pressupostos da avaliação mudam. (ZABALA, 1999, p. 197)

A proposta busca distanciar-se da avaliação por meio de testagens e outros instrumentos, mas sim promover um contexto reflexivo, em que se possa explorar as leituras sem a preocupação de resultados imediatos, buscando o desenvolvimento integral do estudante.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo reforça que a literatura é direito do estudante e ela está presente na escola, porém se faz necessário um currículo literário efetivo, que inspire, que ampare e que garanta esse direito a todos os estudantes.

Por meio da mediação do professor, o estudante precisa ter acesso à diversidade de obras, estilos e autores, além de espaços e tempos consistentes para que os estudantes tenham a oportunidade de explorar o que gostam de ler. É também uma oportunidade para que possam criar suas próprias interpretações acerca das narrativas, bem como confrontá-las com as dos colegas.

A proposta ora apresentada, além de socializar uma proposta para compor um currículo literário é o exercício de pensar com o estudante (e não para o estudante) meios de concretizar um currículo literário. É igualmente um exercício de pensar com professores sobre possíveis estratégias para atuar como mediadores de leitura e desta forma, despertar nos estudantes o prazer pela leitura e que esse prazer permaneça para toda a vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAJOUR. Cecília. **Ouvir nas entrelinhas**. Editora Pulo do Gato. 2012.

BAJOUR. Cecília. **O artesanato e o silêncio**. Revista Emília. Ed. 16. ab. 2018. Fonte: <https://emilia.org.br/o-artesanato-do-silencio/> Acesso em: 18, maio, 2023.

BANIWA. Brulina. KAINGANG. Josélia. MANDULÃO. Giovana. organização: Kassiane Schwingel. **Mulheres: corpos-territórios indígenas em resistência**. Porto Alegre - Fundação Luterana de Diaconia: Conselho de Missão entre Povos Indígenas, 2023.

BOTH. Ivo. **Avaliação planejada, aprendizagem consentida: é ensinando que se avalia, é avaliando que se ensina**. Ed. Intersaberes. Curitiba. 2012.

BRASIL. **Lei Nº. 11.645, de 10 de março de 2008b**.
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm.

BRASIL. **Resolução CNE/CP Nº. 1, de 17 de junho de 2004b**. [Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações ÉtnicoRaciais]. <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>.

BRASIL. Ministério da Educação. **BNCC**. Base Nacional Comum Curricular. 2017.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo, 2011.

CANDIDO, Antonio. **Direitos Humanos e literatura**. In: A.C.R. Fester (Org.) Direitos humanos E... Cjp / Ed. Brasiliense, 1989.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**: Teoria, análise, didática. 1ª ed. São Paulo. Moderna, 2000.

COLOMER, T. **Andar entre livros**. A leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2. ed., 12ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.

FREIRE. Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo. Cortez. 1984.

GOODSON. Ivo. **Currículo**: Teoria e história. 15ª ed. Vozes, Petrópolis, RJ, 2018.

HADJI, C. **A avaliação – regras do jogo**: das intenções aos instrumentos. Editora Porto, Portugal, 1994.

KOCH, I. V., ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto** – 2ª Ed., 1ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2007.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. Editora Ática. São Paulo, 1993.

LAJOLO, Marisa. Zilberman, Regina. **Literatura infantil brasileira: História e histórias**. 6ª edição. Editora Ática. São Paulo, 2007.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura?** 12 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

L'ECUYER, Catherine. **Educar na Curiosidade: A criança protagonista da sua educação**. São Paulo. Fons Sapientiae, 2015.

MUNDUKURU. Daniel. **Kabá Darebu**. Brinque-book. São Paulo, 2002.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14ª ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 2014.

MONTEIRO. Aida. TIRIBA. Léa. **Direito ao ambiente com direito à vida**: desafios para a educação em direitos humanos. 1ª ed. Cortez. São Paulo. 2014.

NEGRO, Maurício. **Nós. Uma antologia de literatura indígena**. 1ª ed. São Paulo. 2019.

RAMOS, Flávia. PANOZZO, Neiva. **Mergulhos de leitura**. A compreensão leitora da literatura infantil. Caxias do Sul. Editora EDUCS. 2015.

SEVERINO, Antonio J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo. Cortêz, 2013.

SOARES, Magda. **Alfabetar**: Toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo. Contexto. 2020. 352 p.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. - 6. ed. – Porto Alegre: Artmed, 1998

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade**: Uma introdução às teorias do currículo. 2ª ed. 9ª reimp. Belo Horizonte. Editora Autêntica, 2005.

VERÍSSIMO, Érico. **As Aventuras de Tibicuera**. Porto Alegre. Global. 1966.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: Como ensinar**. Porto Alegre. Artmed. 1998.

ZABALA, Antoni. **Como trabalhar os conteúdos procedimentais em aula**. Porto Alegre. Artmed, 1999.